

BIOLOGIAS ATRAVESSADAS POR SENSIBILIDADES E INQUIETAÇÕES DA CONTEMPORANEIDADE

*Lucia de Fátima Estevinho Guido¹
Daniela Franco Carvalho²*

Resumo

O texto aborda pensamentos e ações que nos tem provocado a pensar a formação inicial de professores/as de Ciências e Biologia atravessadas por sensibilidades e inquietações da contemporaneidade, guiadas pelas artes, centradas nas culturas. Para isso, propusemos no Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia as práticas como componentes curriculares que versam sobre estas questões nas disciplinas: Ciências e Mídias, Biologia e Cultura, Educação e Sociedade e Estágio Supervisionado 1. Articulações para produzir/subsidiar uma inserção no exercício da docência em que o ensino de Biologia não é o foco principal. Deslocamos nosso foco para a produção criativa abordando temáticas culturais que perpassam o conhecimento biológico. Entendemos nossas ações como fazeres múltiplos, e o Estúdio MMuCCE (Mídias, Museus, Ciências, Culturas, Educação), *locus* das nossas orientações a estudantes da graduação e da pós-graduação, permite a circulação de ideias, criações, conversas que nos alimentam a investigar a educação por meio de artefatos culturais e museais.

¹ Bióloga e pedagoga, com doutorado em Educação pela UNICAMP e professora do Instituto de Biologia e do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do Estúdio MMuCCE (Mídias, Museus, Ciências, Culturas e Educação).

² Bióloga, com doutorado em Educação pela UNICAMP e professora do Instituto de Biologia e do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora do Estúdio MMuCCE (Mídias, Museus, Ciências, Culturas e Educação).

Abstract

This abstract deals with thoughts and actions about the initial formation of science and biology teachers crossed by sensitivities and concerns of contemporary, guided by arts, centered on culture. We proposed in the pedagogical project of the Biological Sciences Course of the Federal University of Uberlândia practices as curriculum components that deal with these issues in the disciplines: Science and Media, Biology and Culture, Education and Society and Internship. Joins to produce / subsidize an insert in the teaching profession where teaching Biology is not the main focus. We shift our focus to the creative output addressing cultural issues that underlie biological knowledge. We understand our actions as multiple doings and MMuCCE Studio (Media, Museums, Science, Culture, Education) is the *locus* of our guidance to undergraduation and graduation students, allows the circulation of ideas, creations, conversations that feeds us to investigate the education through cultural and museological artifacts.

Tal qual o desenho ofertado ao Pequeno Príncipe³ temos nos provocado a ver carneirinhos através de orifícios em caixas curriculares.

- Por favor... desenhe um carneirinho para mim.
(...)

Quero um carneirinho. Desenhe um para mim.
Fiz então esse desenho. [de um carneirinho]

Ele fitou o desenho atentamente e disse:
- Nada disso! Esse desenho é muito ruim. Faça outro.
Fiz este: [outro carneirinho]

Meu amigo sorriu educadamente:
Está na cara... isso não é uma ovelha, é um bode. Tem
até chifres...

Então, refiz o desenho. De novo, ele protestou:
Esse carneirinho é velho! Quero um que ainda viva
durante muitos anos.

Então, já impaciente, e como eu tinha pressa de
consertar o motor do avião, rabisquei esse desenho: [uma
caixa retangular com três orifícios]

³ SAINT-EXUPÉRY (2015, p. 15-17).

E expliquei:

Isto é uma caixa. Dentro dela está o seu carneiro.
Fiquei surpreso ao ver iluminar o rosto de meu jovial
juiz:
É exatamente como eu queria!

Imagináveis. Tangíveis. Palpáveis na sensibilidade
daquilo que nos faz humanos.

Gente.

Com sonhos. Com potencialidades. Com medos.
Com lindezas.

Acreditamos que o sensível e os querereres são molas
propulsoras de nossas ações no mundo, que agregam
histórias e percepções do vivido detentores de força.

Permeabilidades ao que nos cerca.

Interconexões com o que nos circunda.

Atrevimentos.

Desafios de pensar o agora.

E nesse caminhar temos estado de mãos dadas, uma
com a outra, com nossos parceiros de pesquisa e com
diversos autores que têm nos impulsionado a tentar desenhar
o fictício.

A compreender no que paira no ar as possibilidades
para o fazer no presente. Estamos nos deixando ser transpas-
sadas por desejos táteis de dimensões outras que habitam o
imaginário daquilo que compomos no cotidiano.

Buscando compreender aquilo que nos constitui. Que
nos prende na contemporaneidade, no nosso tempo. Que
nos sensibiliza e nos permite ter *habilidade para dizer mais
sim do que não*⁴.

Ser contemporâneo é antes de tudo, uma questão de
coragem: porque significa ser capaz não apenas de
manter o olhar no escuro da época, mas também de
perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, se
distancia infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num
compromisso ao qual se pode apenas faltar. (AGAMBEN,
2009, p. 65).

⁴ Tempos Modernos de Lulu Santos.

Estar aberto ao novo.
Àquilo que ainda não chegou.
Criar no etéreo.
Buscar no contemporâneo elementos de inspiração.
Daquilo que ainda está por vir.
Desembaçamentos.

Diversos dispositivos⁵ têm sido alvo de nossos encontros para investigar o que nos rodeia e para buscar novos formatos e caminhos para a formação inicial de professores/as de Ciências e Biologia atravessadas por sensibilidades, inquietações do contemporâneo, pela arte e culturas. Para isso, propusemos no Projeto Pedagógico do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia as práticas como componentes curriculares que versam sobre estas questões nas disciplinas: Ciências e Mídias, Biologia e Cultura, Educação e Sociedade e Estágio Supervisionado 1. Articulações para produzir/subsidiar uma inserção no exercício da docência em que o ensino de biologia não é o foco principal.

Deslocamos nossos holofotes para a produção criativa abordando temáticas culturais que perpassam o conhecimento biológico. Assim, os licenciandos têm brincado de ciranda por aí, fazendo convites para um rodopiar.

Para invenções.

Potências.

Provocações.

Em Ciências e Mídias marcamos encontros com fábulas e literatura infanto-juvenil. Com poesias. Com obras de arte. Com museus.

Com o que está a nossa volta.

Conexões com autores que passam a compartilhar conosco campos teóricos ainda não trilhados.

⁵ Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Alice no país das maravilhas, de Lewis Carroll. Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. A viagem ao centro da Terra, de Julio Verne. O mágico de Oz, de L. Frank Baum. O paraíso são os outros, de Walter Hugo Mãe.

Sensibilidades que perpassam histórias. Invenções. O desconhecido.

Dramas da vida.

O convite ao inusitado evoca possibilidades de compartilhamento do vivido pelos alunos. Abre brechas para a exposição do que nos é precioso. Do que está guardado. Uma mistura entre a realidade e a ficção, onde muitas vezes não sabemos mais se é sobre as personagens que falamos ou de nós mesmos.

Revisitar o lago de lágrimas de Alice (CARROLL, 2013, p. 20) e pensar que quando estamos com 2,5 metros de altura fica muito mais difícil acessarmos as miniaturas da vida, da forma que a artista plástica Rita Pires⁶ nos diz. Aquilo que está nos detalhes. A delicadeza do que é singelo. Ao nos imaginarmos enormes mudamos o nosso foco, porque não conseguimos prestar atenção ao menor.

Com qual frequência nos tornamos gigantes no nosso dia a dia e o que nos impossibilita de adentrar em jardins?

Uma menina que vê beleza no amor entre as pessoas. Que acredita que o paraíso são os outros (MÃE, 2014). Que a melhor coisa da vida é poder estar com o outro porque se quer bem. Não importa mais nada. Um paraíso que nos remete às nossas ações no mundo. Ao que consideramos importante. Ao que queremos junto. Àquilo que nos dá satisfação. E como que isso se vincula a um curso de graduação, ao ensino de ciências, à Biologia, à docência, à profissão.

(...)

Nisto surgiu na sala, muito apressada e aflita, uma
baratinha de mantilha, que
foi abrindo caminho por entre os bichos até alcançar o
príncipe.

- A senhora por aqui? - exclamou este, admirado. -
Que deseja?

⁶ <<https://vimeo.com/17311424>>.

- Ando atrás do Pequeno Polegar - respondeu a velha.
- Há duas semanas
que fugiu do livro onde mora e não o encontro em
parte nenhuma. Já percorri todos os reinos encantados sem
descobrir o menor sinal dele (LOBATO, 2014, p. 20).

Poder fugir do livro.

Fazer outros percursos.

Desaprisionar-se.

Pensar a Ciência para além dos materiais e métodos.

Contracenar a formação na licenciatura com personagens do Mágico de Oz⁷ em parceria com Paulo Freire. Uma das exigências para que se tenha compromisso: refletir. Freire (1982) justifica que é preciso ser capaz de, estando no mundo, saber-se nele.

Anseio do personagem Espantalho. Por ser todo de palha, o mesmo acredita que não consegue pensar, já que não possui um cérebro. Mesmo possuindo outras coisas, um bobo nada pode fazer (BAUM, 2011, p. 38).

Outra exigência é agir. Mas ação solidária. Com amor. Busca incansável do Homem de Lata por um coração. A reflexão aqui não pode ser isolada para que seja compromisso. Não podem ser apenas ideologias e palavras por vezes distantes. Para Freire (1982) o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados.

Outra característica presente no homem comprometido: coragem. Freire (1982) completa quando diz que a neutralidade diante do mundo, do histórico, dos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. O Leão em O mágico de Oz conhece bem a neutralidade. Estereótipo de coragem. Rei da floresta e dos animais. Mas ante o perigo se vê covarde. Não assume sua posição. Não assume o compromisso (BAUM, 2011, p. 42).

⁷ Texto de Vinícius Abrahão de Oliveira em colaboração conosco, apresentado no III EREBIO – Encontro regional de Ensino de Biologia (Oliveira e Carvalho, 2015).

No fim da estrada de tijolos amarelos vê-se a Cidade de Esmeralda. Lá reside o poderoso Oz. Como mágica, as personagens do livro esperam que suas demandas sejam sanadas. Esperam ter e ser. Esperam estar prontos. Completos. Semelhante é o graduando. Aguardam pelo método e didática de melhor resultado. Vez ou outra. Vez em sempre. Pelo cérebro de farelos que vai nos tornar inteligentes e reflexivos frente à complexidade docente. Pelo coração feito de seda e recheado de serragem que nos dará paixão pelo que fazer do educador. Pela poção em uma garrafa verde quadrada que vai nos dar coragem para assumirmos a posição de professor. Esquecendo que é por meio do caminho, do contexto e da práxis que a mágica realmente pode acontecer.

Poesias.

Manoel de Barros. Clarice Lispector. Fernando Paixão. Fabrício Carpinejar. Cecília Meireles.

Lemos em conjunto e também sozinhos. Quietos. De sobressalto. No meio das aulas. No jardim. Buscando inspirações e sendo tocados por palavras-sonhos. Respirando letras. Suspiros ao vento.

Inspirações para os nossos fazeres e anseios diários. Que mais provoquem do que esclareçam. Para pensarmos Ciências e Biologia por outras fontes. Pelas frestas. Pelas beiras. Em movimento.

Manoel de Barros⁸ é comunhão de naturezas, cores, sons, cheiros, gente. É poema das coisas pequenas, do imprevisível. Do chão.

Do inútil. Da liberdade.

Poeta camaleão.

Cientista de palavras.

Desinventor de objetos.

A poesia de Manoel de Barros nos inspira porque é magia. É descolada do corriqueiro, do usual. É metamorfose. E é exatamente nesse processo de transformação que nos

⁸ BARROS, 2001.

encontramos na formação inicial de professores/as. Sempre num devir⁹.

Manoel se permite ser o poeta que é. Acha graça nos versos e brinca como criança sem se importar com os voos que suas palavras vão alçar. Isso é contagiante para todos aqueles que estão em mudança.

Ser inteiro custa caro.

Endividei-me por não me dividir.

Atrás da aparência, há uma reserva de indignância,
a volúpia dos restos.

(Segunda Elegia – Terceira Sede/ Fabrício Carpinejar)

Idealizar autenticidades.

Expressões do extraordinário de cada um.

Do único. Do que não se repete.

Do que nos prende no momento.

Para Bakhtin (2010), somente o momento único da vivência é capaz de unificar o domínio da cultura e a singularidade da vida que se vive.

É o que nos faz sentido. Aquilo da cultura na qual estamos imersos faz sentido na nossa singularidade, na nossa existência.

Em uma aula de Ciências e Mídias apresentamos o artista plástico brasileiro Walmor Corrêa¹⁰ com fragmentos das obras “Natureza Perversa (2003)¹¹”, “Unheimlich – imaginário popular brasileiro (2005)¹²” e “Memento Mori (2007)¹³” através de projeções das imagens. Sim! Pranchas anatômicas de seres folclóricos. Um corte transversal do útero gravídico da Ondina. Intestinos, pulmões e coração do Iupuiara. Sistema circulatório em azul e vermelho

⁹ Compartilhamos da ideia de Jorge Larossa de que “só poderá realizar-se intempestivamente, contra o presente, inclusive contra esse eu constituído, cujas necessidades, desejos, ideias e ações não são outra coisa que o correlato de uma época indigente. A luta contra o presente é também, e, sobretudo, uma luta contra o sujeito. Para chegar a ‘ser o que se é’ há que combater o que já se é” (LARROSA, 2009, p. 52).

¹⁰ <<http://www.walmorcorrea.com.br/>>

¹¹ <<http://www.walmorcorrea.com.br/obra/natureza-perversa/>>

¹² <<http://www.walmorcorrea.com.br/obra/unheimlich-imaginario-popular-brasileiro/>>

¹³ <<http://www.walmorcorrea.com.br/obra/memento-mori/>>

da região genitália do Curupira. Mais! Cartazes sobre a história natural de animais híbridos: parte mamíferos, parte aves, aves e artrópodes, répteis e mamíferos... com destaque à anatomia externa e interna, hábitat, reprodução, alimentação, filhotes e estrutura óssea. E mais! Cúpulas de vidro que guardam o esqueleto de pássaros com trombas ou pinças de caranguejo.

Provocações entre a fruição do estético e as concepções de Ciência.

A cada imagem devaneios coletivos ora externalizados, ora contidos.

Embates entre o novo e as certezas consolidadas nas trajetórias das disciplinas acadêmicas.

Quem se atreve a duvidar da existência real da sereia se ela pode engravidar? Pode? Não só pode como está registrado com o rigor que uma prancha anatômica exige. Mas não pode isso. É arte! Sereia não existe. Como não? Qual a dúvida? Ele não pode registrar como se fosse um diário de campo coisas de animais que não são reais. E por que não são? Você tem como provar que não são? Aqui está que são. Você quer mais detalhes da fisiologia desse bicho? Olha aqui, tem informações sobre o tipo de alimento que ele come. Certeza que teve uma pesquisa para comprovar isso. Certeza! Senão não podia colocar desse jeito. É... não podia. E está escrito em latim. Claro! Nome científico é em latim. Mas então qual a dúvida? Está em latim. É científico. Então existe. Não, não existe. Ahhh existe sim. Tem corte longitudinal e transversal. Tem. Eu nunca vi ave-caranguejo. Ou é siri? Mas só porque você nunca viu significa que não existe? É mesmo... O taxionomista põe nome em seres que foram descobertos. Até serem encontrados não sabíamos que existiam. É... pode ser, mas a sereia eu tenho certeza que não existe! (risos)¹⁴

De forma ininterrupta por todo o período da aula engajamos percepções, aproximações e afastamentos com os elementos científicos presentes na arte contemporânea de Walmor Corrêa.

¹⁴ Resgate de memória: coletivo de falas em sala de aula mediante contato com as imagens da obra de Walmor Corrêa.

Provocações, como começar a formação inicial de professores/as em Biologia a partir de provocações? Ser provocada para provocar. Mas como começar? Este sempre é o dilema quando nos deparamos com a preparação de disciplinas *novas* que tentam fugir da *disciplinarização*. Um velho dilema que sempre se apresenta como novo. Fomos provocadas a pensar com uma integrante do grupo MMuCCE (Mídias, Museus, Ciências, Culturas e Educação) ao participar do seu exame de qualificação do doutorado que tratava da formação continuada de professores/as. Por que não provocar com o que ela provocou os/as professores/as em formação continuada? Um texto de Marina Colassanti – “A gente se acostuma” – na voz de um provocador, Antônio Abujamra foi usado como um dispositivo para fazer pensar e falar sobre as disciplinas do Curso de licenciatura em Ciências Biológicas, sobre o que desejávamos para a disciplina Biologia e Cultura e sobre o que a gente não queria se acostumar.

A ideia é não se acostumar em Biologia e Cultura às mesmices da maioria das disciplinas em que o estudante ainda é visto como um ser que apenas acumula conhecimento. A ideia é sair do padrão e criar, dialogar, provocar! Com leituras, produções de vídeos e fotografias, música, enfim, exercitar narrativas outras, que não apenas a do conhecimento científico, do conhecimento biológico. Trabalhar com os artefatos culturais, incluindo a sua produção como dispositivo de fazer ver, pensar, falar e criar nossas narrativas.

A cultura em Biologia e Cultura é pensada no plural. Na centralidade de tudo o que fazemos encontramos a cultura, ela interfere nas produções da Ciência, do conhecimento biológico, do conhecimento popular, das coisas do cotidiano. Assim a leitura de Stuart Hall guia nossas ações provocativas e é debatida em aula. “A expressão ‘centralidade da cultura’ indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo” (HALL, 1997, p. 6).

Discutimos a produção das identidades diante das subjetivações do mundo contemporâneo. Filmes, videoclipes,

literatura para pensar a escola, o adolescente, o jovem. Olhamos nas imagens e sons¹⁵ as diferentes identidades – da modernidade (escola moderna; alunos iguais) e dos tempos atuais (escola da modernidade; alunos diversos). *Close up* nas faces dos alunos que possuem vestimentas dos mais variados estilos, cores, cabelos, *piercing*, tatuagens. Como transitar por esses perfis, por essas variedades e diferentes identidades?

Somos interpelados pelos dispositivos, pensamos, falamos, provocamos. Somos provocados a pensar nossas identidades, uma fotografia de si, um *self*.

Quem somos?

Como nos constituímos como sujeitos sociais/culturais?

Como as culturas atuam na formação de nossas identidades?

O subjetivo está objetivamente presente no mundo contemporâneo?

Stuart Hall inspira:

O impacto das revoluções culturais sobre as sociedades globais e a vida cotidiana local, no final do séc. XX, pode parecer significativo e tão abrangente que justifique a alegação de que a substantiva expansão da “cultura” que experimentamos não tenha precedentes. Mas a menção do seu impacto na “vida interior” lembra-nos de outra fronteira que precisa ser mencionada. Isto se relaciona à centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade, e da pessoa como um ator social. [...] Até os mais céticos têm se obrigado a reconhecer que os significados são subjetivamente válidos e, ao mesmo tempo, estão *objetivamente* presentes no mundo contemporâneo – em nossas ações, instituições, rituais e práticas. (HALL, 1997, p. 6-7).

Suspiramos, conhecemos, nós mesmos, (nós) juntos, coletivo, matilha.

¹⁵ O filme em questão é *Pai Patrão* dirigido por Paolo e Vittorio Taviani. Trata-se de uma adaptação para o cinema da obra literária homônima escrita por Gavino Ledda que conta sua própria história. As cenas iniciais do filme e da obra literária são como *carneiros dentro de caixas*. Estimulam o pensamento. O videoclipe é o da música “All the way to reno” da banda norte-americana R.E.M.

A contribuição que nos chega dos Estudos Culturais alimenta a desconfiança. A desconfiança da Ciência, da sua produção *não* neutra. De que estamos sempre sendo guiados, inventados, pelas construções históricas. Em “A Biologia tem uma história que não é natural”, Luís Henrique dos Santos trabalha o termo *natural* como mote ou recurso narrativo para dizer e se espantar com as questões relativas ao conhecimento biológico. Nomear, classificar, tudo tem uma história, e está engendrado em relações de poder que permeiam a Ciência, e é por isso que vemos aquilo que a Ciência *inventa* como natural, como algo que sempre existiu.

[...] uma das contribuições dos Estudos Culturais, tanto no campo da educação, como no das Ciências em geral, é a “desconfiança” de que qualquer um deles seja isento de interesses, esteja apartado de relações de poder. Essa referida desconfiança permite problematizar as narrativas hegemônicas sem, no entanto, desejar estabelecer um lugar seguro (de verdade) para qualquer uma delas; nem a Ciência de tradição é a detentora de todas as verdades, tampouco os outros conjuntos de práticas e de discursos, tidos como não-científicos, o são (SANTOS, 2000, p. 238).

ENTÃO, POR QUE NÃO CRIAR, INVENTAR, FICCIONAR?

Conhecer as culturas do jovem faz parte do sentir a *dor e a delícia* de ser professor/a. Escarafunchar a partir de leituras e feituas sobre moda, *cosplay*, música, Coca-Cola, televisão, botânica, Bob Esponja, Harry Potter¹⁶. Trabalhar com a inventividade ao construir um vídeo, narrativas

¹⁶ Ideias trazidas pela leitura dos textos: “Juventude, produção cultural e participação política” escrito por Áurea Carolina e Juarez Dayrell e publicado no livro *Mídias comunitárias, juventude e cidadania*. “Um pé de cultura e de milho, angico, mangaba e baobá” escrito por Clara de Carvalho Machado e Marise Basso Amaral na revista *Textura*, 2014; “Moda cinema e os jovens da era *cosplay*: um estudo sobre o fenômeno Harry Potter” escrito por Gabriela Coutinho Pinheiro e Marta Sorélia de Castro e publicado no evento *Design, Arte, Moda e Tecnologia em 2012*; “Viver positivamente: as lições ensinadas por peças publicitárias da Coca-Cola Company” escrito por Daniela Ripoll na revista *Comunicação, mídia e consumo*, 2014; “Literatura infantil como valorização das africanidades e afrodescendências na escola” escrito por Alessandra Flavia Bezerra de Oliveira e José Nogueira da Silva.

construídas/inventadas a partir de pequenas intervenções na escola ou nas redes sociais. Elas nos contam aquilo que constitui as identidades dos adolescentes, que os agrupa, que os constitui enquanto sujeitos aprisionados em uma moda que dita padrões, que forma grupos, que usam roupas, que seguem celebridades, que criam penteados, tatuagens, *piercings*, enfim, *histórias* que possam dizer que mundos povoam o universo do adolescente, do jovem.

Isto não é uma lupa, isto é uma raquete
Isto não é uma raquete, isto é um microfone
(...)

Isto não é uma pipeta, isto é uma torneira,
Isto não é uma torneira, isto é uma bailarina.
(GUIMARÃES; KRELLING, 2014, p. 4685-4686)

O laboratório, a visita a um local na universidade que supostamente produz o conhecimento científico para olhar a Ciência, seus instrumentos, suas produções e inspiradas no texto “Objetos das Ciências: imaginações em uma experiência de ensino” escrito por Leandro Belinaso Guimarães e Aline Gevaerd Krelling, pensamos com produções fotográficas a ressignificação dos objetos de laboratório. Imagens da imagem de um corte em microscopia confocal, os avisos de proibição/perigo nos laboratórios, os pequenos instrumentos. Ler as fotografias, brincar. A bricolagem é a brincadeira que em cima das fotografias transforma o que vê e o olhar/pensamento de quem vê. Esta é a nossa aposta provocativa.

É possível ensinar *Ciências* com a imaginação na frente? Como o estágio supervisionado pode libertar para criar aquilo que foi criado com histórias verdadeiras da Ciência imaginada? Um bicho é criado, o prazer da criação para indagar os adolescentes sobre a verdadeira história dos animais. Cadeia alimentar, Museu de Biodiversidade do Cerrado¹⁷. *Objetos lúdicos*. Bichos empalhados, um Cerrado de mentira? Como cativar para olhar os bichos no Cerrado

¹⁷ <www.mbc.ib.ufu.br>

de mentira? Com uma mentira, o bicho ave ouriço da família *Daniedae*, espécie *Aicula olhavrac* foi descoberto e descrito por licenciandos de um curso de Ciências Biológicas de uma universidade e está depositado no Museu de lindezas dessa mesma universidade.

Esquecemo-nos, contudo, que um molusco não é um ‘bicho’ que existia já no mundo, mas, como venho dizendo, ele passa a existir a partir de um conjunto de saberes (classificação, anatomia, etc.) de espaços (coleções, museus, laboratórios etc.) e de instrumentos (chaves de classificação, bisturis, métodos de conservação etc.) que o situam no mundo e lhe dão sentido por uma ordem que é produzida (pelas pessoas, de acordo com o conhecimento de sua época), antes que desvelada, interpretada da própria natureza. Um molusco é uma construção, é uma categoria inventada (SANTOS, 2000, p. 248).

(...)

Retorno às colocações acerca dos organismos fundadas no trabalho de Haraway (1992, p. 298), para dizer, então, que “os organismos não nascem, [mas que] eles são feitos” (SANTOS, 2000 p. 241).

Estamos mergulhadas em turbilhões de encantamentos. Onde a criação e as ideias são sempre bem-vindas para pensar Biologias. Atravessamentos. Correntes de ar que nos tiram do chão. Para enxergarmos no deslocamento.

Em tentativas.

Em esperanças.

Com os outros.

Conosco.

Com alegria.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapeco: Argos, 2009.

BARROS, M. de. *Matéria de poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*.

[Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco]. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAUM, F. L. *O Mágico de Oz*. São Paulo: Leya/Barba Negra, 2011.

CARROLL, L. Alice: Aventuras de Alice no País das Maravilhas; & Através do Espelho. [Tradução de Maria Luiza Borges]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FOUCAULT, M. *Sobre a história da sexualidade*. In: M. Foucault, *Microfísica do poder* (p. 243-276). Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GUIMARÃES, L. B; KRELLING, A. G. Os objetos das Ciências: imaginações em uma experiência de ensino. *Revista de Ensino de Biologia da Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio)*, v. 1, p. 4679-4687, 2014.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez., 1997.

LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. São Paulo: Globo, 2014.

MÃE, V. H. *O Paraíso são os Outros*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

SAINT-EXUPÉRY, A. de. *O Pequeno Príncipe*. Tradução Frei Beto. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

SANTOS, L. H. dos. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.) *Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

Data de recebimento: junho de 2015

Data de aceite: novembro de 2015